



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
sessão de encerramento do Seminário Empresarial Brasil e Bélgica:  
Novas Fronteiras de Negócios**

**Bruxelas-Bélgica, 05 de outubro de 2009**

Sua Alteza Real, Príncipe Philippe,  
Senhor Yves Leterme, ministro dos Negócios Estrangeiros da Bélgica,  
por intermédio (falha no áudio),

...brasileiros,

Senhor Thomas Leysen, presidente da Federação das Indústrias Belgas,  
Companheiros empresários brasileiros,

Empresários belgas,

Senhores embaixadores,

Jornalistas,

Meus amigos e minhas amigas,

Meu caro vice-governador do estado do Espírito Santo aqui presente, já  
com uma proposta para fazer um grande porto de águas profundas no Espírito  
Santo.

Meu caro prefeito João Carlos Coser, prefeito de Vitória, no Espírito  
Santo,

Meus companheiros, estou vendo agora o Paulo Sérgio, dos  
Transportes; meu querido Miguel Jorge, meu querido Brito,

Meus amigos e minhas amigas,

Tenho grande prazer em participar deste Seminário. Vamos aprofundar  
uma parceria com muita história, mas que está voltada para o futuro de duas  
economias dinâmicas e competitivas.



Tecnologia e investimentos belgas ajudaram a construir nossa indústria e infraestrutura urbana. A Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira foi símbolo pioneiro da industrialização brasileira. Esse legado nos inspira. Queremos que a Bélgica amplie ainda mais sua posição de investidor privilegiado no Brasil.

Em 2008, o estoque de investimentos belgas no Brasil alcançou US\$ 1,9 bilhão. Mas, tenho certeza, poderemos fazer muito mais. O Brasil superou a pequena recessão que nos afetou. Crescerá este ano e, a partir de 2010, voltará a crescer ao patamar de 5% ao ano.

Abrem-se extraordinárias oportunidades de negócios: as obras do Plano de Aceleração do Crescimento, os preparativos para a Copa do Mundo de 2014, para as Olimpíadas de 2016, o trem de alta velocidade entre o Rio de Janeiro, São Paulo e Campinas e, sobretudo, a exploração do petróleo na camada pré-sal. Chegou o momento de voltar a investir. Penso que as possibilidades para os empresários belgas estão, sobretudo, em projetos de logística portuária e hidrovia. Estamos modernizando essa infraestrutura fundamental para a competitividade da economia brasileira. Este é um movimento de duas mãos. O setor privado brasileiro enxerga na Bélgica um portal de acesso prioritário à Europa. Empresas como a Citrosuco, a Votorantim, e a WEG e a Duratex fazem de Bruxelas sua base de operações no continente europeu.

E também temos tecnologia a oferecer. As experiências brasileiras não deixam dúvidas sobre as vantagens competitivas da produção de etanol e do biodiesel. No momento em que a Bélgica busca diversificar sua matriz energética e cumprir metas ambientais, os biocombustíveis oferecem alternativa segura, limpa e eficaz. É natural que acreditemos na aliança empresarial belgo-brasileira.

A AB-Inbev é hoje a maior fabricante de cervejas do mundo e uma das cinco maiores empresas de produtos de consumo. A Sonaca possui três



importantes filiais em São José dos Campos, totalmente articuladas com a Embraer, hoje a terceira maior fabricante de aviões no mundo.

Senhoras e senhores, Fizemos uma aposta mútua e estamos colhendo os frutos. Nosso comércio duplicou nos últimos quatro anos, alcançando a 7 bilhões de dólares em 2008. O Brasil absorve 40% das exportações da Bélgica para a região. Somos seu principal sócio na América Latina.

A crise internacional fez dos países emergentes e em desenvolvimento os novos motores da economia global. No Brasil, bens e serviços belgas encontram mercado alternativo e sólido e confiável contra os choques futuros.

A cooperação econômica também se beneficiará de ações da área científica e tecnológica. Amanhã, a Agência Espacial Brasileira e o Centro Espacial de Liège firmam acordo que facilitará o desenvolvimento de atividades conjuntas entre firmas e instituições prestadoras de serviços ópticos e espaciais.

A resposta à crise passa, efetivamente, pela geração de emprego pela inovação. O Memorando de Entendimentos entre a Capes e a WBI beneficiará programas de intercâmbio entre instituições de pesquisa. Vamos produzir sinergias estratégicas em setores de ponta.

Amigos e amigas, em um mundo carente de soluções para desafios globais sem precedentes, o Brasil oferece alternativas. O Brasil, como a Bélgica, leva a sério suas responsabilidades ambientais e sociais. No âmbito do Plano Nacional de Mudança Climática, lançado em dezembro passado, acabamos de concluir o zoneamento agroecológico da cana-de-açúcar. Esta é nossa resposta àqueles que questionam a possibilidade de fazer do etanol à base de cana uma nova *commodity* energética. O Fundo Amazônia é prova de que estamos comprometidos com a preservação de nosso patrimônio ambiental. Mas poderemos fazer mais se a comunidade internacional contribuir com recursos financeiros e tecnológicos adicionais.



Senhoras e senhores, o G-20 tem adotado decisões para superar os momentos mais dramáticos da crise. Na Cúpula de Pittsburgh, na semana passada, tomamos medidas concretas para reformar a governança econômico-financeira e regular os mercados. Não podemos abandonar as políticas anticíclicas de estímulo à demanda. Ao mesmo tempo, temos de concluir a Rodada de Doha. Uma maior abertura de mercados e a eliminação de subsídios darão mais dinamismo à economia mundial, ajudando, sobretudo, os países mais pobres, que são as principais vítimas da recessão mundial. Todo este esforço será em vão, no entanto, sem uma maior vigilância do Fundo sobre o sistema financeiro. Só evitaremos novas crises com uma supervisão rigorosa, sobretudo dos países que ameaçaram a estabilidade global. No passado, essa supervisão foi exercida apenas sobre os países em desenvolvimento. Hoje, muitos desses países estão ajudando na retomada econômica mundial.

A resposta à crise não está em alimentar novas bolhas especulativas desvinculadas da economia real. Ainda existem trilhões de dólares em ativos tóxicos nas carteiras de muitos bancos, que precisam ser limpos. Para que os agentes privados voltem a recuperar a confiança no mercado é preciso regras claras, previsíveis e validas para todos. É o que podemos oferecer no Brasil. O Estado brasileiro não abdicou de suas funções de regulação, nem abandonou o pequeno e médio empresário à própria sorte. O Brasil seguirá trabalhando pelo fortalecimento do mercado interno, o que contribuirá para a retomada da demanda global.

Em 2005, Sua Alteza Real, o Príncipe Philippe, chefou importante missão de mais de 80 empresários belgas ao Brasil. No ano que vem, o Príncipe herdeiro dirigirá nova missão econômica e comercial ao meu país. Encontrará uma economia mais consolidada e empresários com planos mais ambiciosos. Encontrará, uma vez mais, a confiança no potencial de nossa parceria e a certeza de bons negócios.



Meus amigos e minhas amigas,

Eu queria dizer mais duas palavras, aproveitando a presença do Príncipe aqui, e de tantos empresários belgas interessados na Copa do Mundo do Brasil e nas Olimpíadas. A Bélgica, que nos anos 20, na visita do Rei, começou a investir no Brasil e acreditou no Brasil, tem muito mais razão em 2010 de fazer novos investimentos no Brasil, por uma razão muito simples, que eu sei que é considerada por qualquer investidor do mundo. O Brasil hoje descobriu que é mais fácil crescer, se desenvolver e distribuir renda se o governo cumpre com a sua parte e age com muita responsabilidade.

Eu confesso a vocês que eu precisava ganhar as eleições no Brasil para provar que o Brasil podia ser um país sério, para quebrar alguns dogmas que de vez em quando eram publicados pelos meios de comunicação, de que o Brasil não podia distribuir renda porque era preciso crescer primeiro.

Durante a década de 70, o Brasil chegou a crescer até 14% ao ano. E, na época, eu era dirigente sindical, e nós ouvíamos dizer que era preciso o bolo crescer mais para que, depois que o bolo estivesse muito grande, distribuir o bolo. O que aconteceu é que o bolo cresceu, alguém comeu e a maioria do povo ficou sem o seu pedaço de bolo. Nós, então, precisávamos provar ao mundo que duas coisas não são incompatíveis: primeiro, o crescimento interno com o crescimento das nossas exportações; segundo, crescer distribuindo renda ao mesmo tempo.

Então, nós ficávamos naquela angústia acadêmica: quem é que nasce primeiro: o ovo ou a galinha? Nós temos que crescer para distribuir ou distribuir para a gente crescer? E nós, então, resolvemos fazer uma aposta em uma coisa que até então não tinha sido feita no Brasil, que foi distribuir renda para colocar uma parte da sociedade, que sempre esteve excluída do desenvolvimento, no mercado consumidor do País.

E o que aconteceu é o que os senhores e as senhoras têm acompanhado pelos jornais e pela imprensa especializada em economia. O



Brasil está crescendo de forma mais justa, o Brasil está crescendo de forma mais sustentável, o Brasil está crescendo regionalmente mais do lado mais pobre e um pouco menos do lado mais rico. A renda do trabalhador está aumentando até um pouquinho mais do que a renda dos empresários na distribuição da riqueza nacional, e a parte mais pobre do Brasil, que era o Norte e o Nordeste, está tendo desenvolvimento muitas vezes maior do que a parte mais rica do País.

E por que isso está acontecendo? Porque quando você fazia qualquer estudo no Brasil você iria constatar uma coisa inaceitável: o maior número de mortalidade infantil, no Nordeste brasileiro; o maior número de desnutrição, no Nordeste brasileiro; o maior número de analfabetismo, no Nordeste brasileiro; e vai por aí fora.

Aí quando você ia estudar, o maior número de universidades, no Sul do País; o maior números de doutores, no Sul do País; o maior número de pesquisadores, no Sul do País; a menor taxa de analfabetismo, no Sul do País; Ou seja, havia uma contradição nas oportunidades criadas pelo Estado para permitir que o Brasil se tornasse um país mais equânime. Aí é que entra o papel do Estado como indutor do desenvolvimento. Decidir, junto com o investidor, qual é o melhor lugar para fazer um investimento, qual é o lugar que a gente poderia ajudar a desenvolver, porque é esse o papel do Estado. Se não for esse o papel do Estado, não precisa nem de Estado. Os governantes têm que ter alguma responsabilidade. Por exemplo, agora, na recuperação da indústria naval, e os empresários belgas que têm investimento no Brasil e os empresários brasileiros sabem que, na década de 70, o Brasil tinha a segunda indústria naval do mundo, nós só perdíamos para o Japão, e nos anos 90, nós destruimos a nossa indústria naval, nós que tínhamos 50 mil trabalhadores na indústria naval, nos anos 70, caímos para 2.600 trabalhadores no ano 2000.

A nossa gloriosa Petrobras, ela tinha uma direção que dizia que a Petrobras não sabia fazer plataforma, não sabia fazer sonda, não sabia fazer



cascos de navios e que, portanto, nós tínhamos que importar todo esse material de outros países. Nós tomamos a decisão de que nós iríamos construir a plataforma no Brasil, construir a sonda no Brasil e que nós iríamos mostrar que nós tínhamos tecnologia e, por isso, era necessária a decisão política. O que acontece hoje é que as plataformas são produzidas no Brasil até com 75% de componentes nacionais, as sondas são construídas no Brasil com alto componente nacional. E, assim, nós já recuperamos e já temos novamente 50 mil trabalhadores na indústria naval, com a construção dos estaleiros do Rio funcionando corretamente, a construção de estaleiro em Pernambuco, a construção de estaleiro no Rio Grande do Sul, a construção de estaleiro, que vamos começar na Bahia, e a construção de estaleiro, que certamente vamos construir no Ceará.

Uma grande nação, do tamanho do Brasil, que encontra as reservas de petróleo que nós encontramos, em uma área de 149 mil quilômetros quadrados. Um país que tem a responsabilidade de tomar conta de 360 milhões de hectares de terra da Amazônia, um país que tem a maior quantidade de terras agricultáveis do Planeta e um país que tem 365 dias por ano em que é apto para a agricultura, não pode prescindir de se transformar em uma grande nação.

E acho que o Brasil não pode repetir os erros que cometeu no século XX, onde o Brasil não acreditava em si, onde o Brasil achava que tudo que era feito nos outros países era melhor, que nós éramos coitadinhos e que nós, então, tínhamos que pedir licença para todo mundo, para que nós fizéssemos as coisas.

Eu aprendi, na minha luta sindical, nos anos 70 e nos anos 80, que nenhum interlocutor respeita o interlocutor que não se respeita. E a forma de o Brasil ser respeitado no mundo é, em primeiro lugar, o Brasil acreditar no seu potencial. O Brasil acreditar em si mesmo. Porque não é possível que um país que tem a terceira fábrica de fabricar avião do mundo e que, para o nosso



prazer, muitos aviões que voam na Bélgica são da Embraer, inclusive o avião de Sua Majestade, seja vendido ao mundo apenas como as favelas do Rio de Janeiro ou seja vendido ao mundo apenas como o Carnaval e futebol. Ou seja, no fundo, no fundo, muita gente, nascida no Brasil, se dizendo brasileiro, tem culpa da pequenez com que durante muito tempo as pessoas de fora viram o Brasil.

Nós não temos que contar nenhuma vantagem, não temos que contar nenhuma mentira, nós não temos que esconder nada, nós temos que mostrar o Brasil como ele é. O Brasil, que tem uma população, em uma parte dele, tão rica quanto a Bélgica e que tem, em outra parte dele, gente tão pobre como a África. Nós não temos que esconder isso. O que nós precisamos é assumir o compromisso – e quem for ao Brasil vai perceber – que nós estamos fazendo um processo de reparação naquilo que os que pensavam que sabiam governar fizeram do Brasil. Porque até os anos 70 o Brasil tinha pouca favela e favela era uma coisa poética. Os grandes compositores brasileiros faziam música expondo os poemas sobre as nossas favelas. E foram-se amontoando os pobres encima de pobres, porque a economia brasileira passou praticamente 25 anos crescendo de forma vergonhosa, com uma dívida externa praticamente impagável, com uma inflação que chegava a 80% ao mês. E eu era dirigente sindical nessa época, e eu tinha, na minha consciência e no meu bolso, o que valia o salário da gente em uma inflação. Eu ia ao supermercado com a minha mulher, eu comprava tanta lata de óleo que não cabia no meu armário. Eu nem ia utilizar aquilo durante um ano, mas era um jeito de eu me livrar da inflação, era um jeito de eu compensar o salário ser corroído 80% ao mês.

Então, eu tinha vontade de ser presidente para provar que era possível governar diferente do que o Brasil era governado. No Brasil, quando se pensava em fazer qualquer política para os pobres, se falava em gasto, qualquer coisa para o rico era investimento. E nós mudamos: é investimento





para o rico, mas é investimento para o pobre. Quem é que disse que dar alimento para as pessoas tomarem café de manhã e almoçar é gasto? É investimento puro.

A primeira medida que nós tomamos, no Brasil, foi dizer: não se utiliza a palavra “gasto” em se tratando de investimento em educação. Porque é normal que as pessoas da área econômica digam ao presidente: “Você não pode gastar nisso, você não pode gastar naquilo”. E eu falei: parem com a palavra gasto, porque se falar “investimento” você vai ficar mais feliz e o dinheiro vai aparecer.

Foi assim que nós criamos o Bolsa Família, que hoje garante alimentação básica para mais de 11 milhões de famílias no Brasil. Foi assim que nós fizemos o crédito consignado. Pobre, no Brasil, não entrava em banco, não tinha direito de fazer empréstimo, e nós criamos o crédito consignado que hoje coloca no mercado mais de R\$ 90 bilhões, o equivalente a quase US\$ 50 bilhões.

O pobre brasileiro aprendeu a entrar em shopping e comprar o que comer, comprar iogurte, que até outro dia era coisa de rico no Brasil, só criança abastada podia comer iogurte. Eu lembro, quando eu era metalúrgico, passavam as pessoas vendendo iogurte na rua, a minha mulher tinha três filhos, ela comprava um para cada um, não tinha o segundo. E hoje as coisas estão melhorando porque nós acreditamos que distribuir renda é a melhor forma de fazer o nosso país crescer.

E mostrar que durante a crise econômica o Brasil estava muito preparado, mas ele estava preparado porque nós fizemos um sacrifício antes. Eu, em 2003, fiz o maior ajuste fiscal da história do meu país. Eu duvido que um economista, daqueles bem tradicionais, tivesse coragem de fazer o ajuste fiscal que eu fiz. E eu fiz com a convicção de que eu precisaria trocar o meu capital político para consertar o Brasil.

E hoje, depois de passados alguns meses da crise, eu posso dizer a



vocês: o Brasil está sólido, este ano nós vamos ter crescimento positivo. Eu tenho dito aos empresários brasileiros que a economia brasileira não vai crescer mais este ano porque no mês de outubro, novembro, dezembro, janeiro e fevereiro os empresários brasileiros se deixaram impressionar pelas manchetes dos jornais e meteram o pé no breque, pararam com muitos investimentos, inclusive com projetos que já estavam contratados no nosso banco de investimento. A indústria automobilística brasileira parou completamente. Mas, já em março, quem quisesse comprar um carro tinha que esperar três ou quatro meses para comprar um carro.

Tomamos todas as medidas que tínhamos que tomar. Diferentemente de outros países, que não tinham coragem de mexer com o sistema financeiro, nós compramos bancos, colocamos fundo garantidor para bancos pequenos, assumimos o crédito de financiamento de carro usado, compramos bancos para adquirirmos expertise. E, hoje, a indústria automobilística brasileira é motivo de orgulho para o mundo, porque é a única que está crescendo efetivamente.

Este ano, estamos batendo recorde de produção e de venda de carro, caminhões e tratores. Isso porque, na época da crise do alimento, nós tomamos uma atitude de financiar 100 mil tratores para a agricultura familiar e 300 implementos agrícolas, num financiamento de R\$ 25 bilhões, mais ou menos US\$ 13 bilhões. E em dez meses, esse programa vendeu 12 mil tratores aos agricultores familiares. Normalmente...o Tigre está aqui, que é o companheiro da Federação dos Empresários do Rio Grande do Sul, onde tem muita produção de máquinas agrícolas, ele sabe que 70% da venda dos tratores, hoje, no Brasil, é vendida para o pequeno agricultor, financiada por esse (incompreensível).

No auge da crise do *subprime*, nós anunciamos a construção de 1 milhão de casas populares e tomamos a decisão de desonerar muitas das coisas de material da construção civil.



Eu, quando disse que a crise no Brasil seria apenas uma marolinha, talvez uma marolinha um pouco maior, mas o dado concreto é que nós tínhamos a convicção de que o PAC, nós criamos em 2007, o PAC não foi por conta da crise... Nós temos US\$ 359 bilhões até 2013, gerando estradas, gerando portos, ferrovias, hidrovias, hidrelétricas, saneamento básico nas favelas, urbanização, casas populares... Em algum momento a crise tinha que se afastar. E foi exatamente o que aconteceu.

Para que os empresários belgas tenham clareza, possivelmente eu tenha sido o empresário, o Presidente que mais assustou empresários brasileiros, no passado. Eu duvido que tenha um presidente que tenha tratado eles com a dignidade e com o respeito que eu tenho tratado, chamando-os a participar da elaboração das políticas que o governo precisa colocar em prática, da mesma forma que chamamos os trabalhadores. Cada vez que vamos fazer uma política de desoneração, nós chamamos os empresários, mas chamamos os trabalhadores, para saber qual é a parte que os trabalhadores vão ganhar naquela política de desoneração que o Estado faz. E isso me dá a garantia de que o Brasil finalmente encontrou o seu destino, a sua vocação de ser uma grande nação.

Segundo o Banco Mundial, em 2016, se nós continuarmos crescendo, nós vamos ser a quinta economia do mundo. E posso dizer para vocês: é muito importante que esse crescimento seja em parceria com os empresários belgas, porque a América do Sul tem 400 milhões de habitantes, porque todos os países têm um potencial de crescimento extraordinário, porque todos foram asfixiados durante 25 anos... E acho que, tanto o Brasil pode utilizar a Bélgica como parceira, para a Europa, como a Bélgica pode utilizar o Brasil para os seus parceiros na América do Sul e na América Latina. O que está claro para mim, o que está claro para mim é que essa crise, ela aconteceu para nos ensinar algumas coisas. Primeiro, o sistema financeiro tem que ser regulado. Nós não temos o direito de admitir, enquanto governantes, que o sistema



financeiro ganhe rios de dinheiro sem financiar um lápis, um sapato, uma caneta ou um parafuso. Não é possível. O sistema financeiro não pode viver da troca de papéis entre bancos, pagando bônus milionários a pessoas que os levaram à falência e que ainda não tem nenhum preso. Mas levaram os bancos à falência e nós, então, agora aprendemos.

Eu fico feliz porque, hoje, eu vou a uma reunião com o presidente Obama, com o Hu Jintao, com o primeiro-ministro Singh, com o Sarkozy, com o Gordon Brown, com o Berlusconi, com a Angela Merkel, com todos, com todos, e eu percebo que todo mundo agora está preocupado em regular o sistema financeiro.

No Brasil, ele já era regulado. No Brasil, os bancos não podiam alavancar mais que dez vezes o seu patrimônio líquido. E no chamado mundo desenvolvido, se nós quisermos pegar alguns países como os Estados Unidos, que não tinha limite de alavancagem, ou seja, as pessoas estavam emprestando e financiando o que não tinham.

Então, essa crise é um momento extraordinário, inclusive para a gente repensar as nossas parcerias estratégicas em nível comercial, no âmbito internacional. Quanto mais pulverizada nós tivermos a nossa relação comercial, quanto mais países nós tivermos vendendo e comprando, quanto menos nós dependermos de um ou de outro bloco, mais sorte nós teremos de nos livrar da crise econômica.

Quando nós assumimos o governo, o Brasil tinha sua balança comercial quase 30% com a Europa e quase 30% com os Estados Unidos, era mais ou menos equilibrada. E o restante era com o resto do mundo mas, sobretudo, uma boa parte com a América do Sul e a América Latina.

Nós tomamos a decisão: priorizar nossa relação com a América Latina, a partir do Mercosul; priorizar a nossa relação com o continente africano, porque os brasileiros pegavam um avião, passavam por cima da África e nem olhavam para o continente africano. E nós visitamos, no primeiro mandato, 21 países



africanos, para estabelecer relações políticas, culturais, inclusive de agradecimento pelo o que os africanos fizeram no Brasil, quando escravizados, e agradecê-los, porque a nossa cor e o nosso jeito de ser têm muito a ver com a mistura que se deu entre índios, europeus e africanos.

Depois, nós fomos para o Oriente Médio, uma coisa fantástica. Desde 1847, 1847, que uma autoridade brasileira não ia ao Líbano, não ia à Síria e não ia a quase todos os países árabes, porque não era importante ir para lá. Eu lembro que nós fizemos uma feira, em Dubai, que gastamos US\$ 500 mil para fazer a feira, US\$ 500 mil. Vendemos no dia seguinte US\$ 50 milhões, mas a pequenez de alguns era apenas de dizer que nós tínhamos gasto US\$ 500 mil para fazer uma feira. As pessoas acham que os outros têm que comprar coisas do Brasil porque o Brasil é pobrezinho, porque tem a Amazônia, porque tem índio, porque tem um metalúrgico dirigindo. Não. As pessoas vão comprar coisas do Brasil quando o Brasil tiver competitividade e qualidade para disputar no mercado internacional. E é isso que nós queremos de vocês, companheiros empresários belgas.

É essa competência histórica que vocês adquiriram, esse conhecimento, que irmanados ao nosso conhecimento, vão poder permitir que a Bélgica seja maior e que o Brasil seja maior e que nós dois juntos tenhamos mais importância no cenário político, econômico e comercial do mundo.

Muito obrigado e boa sorte a todos vocês.

(\$211B)